

REFLEXÕES SOBRE O PARADIGMA AFROCENTRADO
NA PÓS-GRADUAÇÃO BRASILEIRA

Maria da Conceição dos Reis*
Cledson Severino de Lima**
Emerson Raimundo do Nascimento***

Resumo: A história da pós-graduação no Brasil, marcada por paradigmas eurocêntricos e desigualdades, aos poucos vem abrindo espaço para a presença, o fomento e a política que contemplam pesquisadores (as) negros(as). Com o objetivo de analisar o estado da arte de pesquisas desenvolvidas a partir da teoria da afrocentricidade em programas de pós-graduação no Brasil, o estudo ora apresentado buscou responder como se configura o paradigma afrocentrado nas pesquisas de pós-graduação no Brasil a partir da abordagem epistemológica presente na teoria da afrocentricidade, apresentada por Asante (2009). O levantamento realizado através das teses encontradas no repositório da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes apontou que as pesquisas desenvolvidas na pós-graduação do Brasil mantem a hegemonia do eurocentrismo como abordagem epistemológica e não privilegiam o paradigma afrocentrado em busca de uma nova possibilidade defendida nos princípios da filosofia da ancestralidade.

Palavras-chave: Paradigma Afrocentrado; Teoria da Afrocentricidade; Pós-Graduação no Brasil; Educação das Relações Étnico-Raciais; Filosofia da Ancestralidade.

Resumen: La historia del postgrado en Brasil, marcada por paradigma eurocéntricos y desigualdades, poco a poco viene abriendo espacio para la presencia, el fomento y la política que contemplan investigadores (as) negros (as). Con el objetivo de analizar el estado del arte de investigaciones desarrolladas a partir de la teoría de la afrocentricidad en programas de postgrado en Brasil, el estudio presentado presentó buscó responder cómo se configura el paradigma afrocentrado en las investigaciones de postgrado en Brasil a partir de la " el enfoque epistemológico presente en la teoría de la afrocentricidad, presentada por Asante (2009). El estudio realizado a través de las tesis encontradas en el repositorio de la Biblioteca Digital Brasileña de Tesis y Disertaciones y del Catálogo de Tesis y Disertaciones de la Capes apuntó que las investigaciones desarrolladas en el postgrado de Brasil mantienen la hegemonía del eurocentrismo como abordaje epistemológico y no privilegian el paradigma afrocentrado en busca de una nueva posibilidad defendida en los principios de la filosofía de la ancestralidad.

Palabras-clave: Paradigma Afrocentrado; Teoría de la Afrocentricidad; Postgrado en Brasil; Educación de las Relaciones Étnico-Raciales; Filosofía de la Ancestralidad.

* Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco/UFPE. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE. Líder do Laboratório de Educação da Relações Étnico-Raciais/LABERER- UFPE. Endereço eletrônico: ceca-reis@hotmail.com

** Mestrando em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE. Integrante do

Laboratório de Educação da Relações Étnico-Raciais. Professor da Educação Básica. Endereço eletrônico: cledsonfugao@hotmail.com

*** Mestrando em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE. Integrante do Laboratório de Educação da Relações Étnico-Raciais. Professor da Educação Básica. Endereço eletrônico: historiaemerson@gmail.com

Introdução

A história da pós-graduação no Brasil tem início com os cursos de aperfeiçoamento e de especialização através do Estatuto das Universidades Brasileiras, Decreto nº 19.851 aprovado em 1931. Nesta mesma década, surgem os cursos *stricto sensu*¹ na Universidade Federal de Minas Gerais e, no início da década seguinte, na Universidade de São Paulo.

Na década de 1960, conforme estudos de Santos (2009), foram registrados trinta e oito cursos *stricto sensu* (mestrado e doutorado) funcionando no Brasil, concentrados em diversas áreas do conhecimento. Neste período, não havia ainda uma estrutura e objetivos institucionalizados nacionalmente para uma regularização da política de pós-graduação no Brasil, mas já se destacavam a institucionalização de modelos franceses e americanos de pós-graduação, como também a expressiva quantidade de professores e pesquisadores estrangeiros nos cursos daquela década.

A regulamentação da pós-graduação brasileira veio acontecer em 03 de dezembro de 1965, através do Parecer Nº 977 do Conselho Federal de Educação, inspirada por vários fatores, dentre eles: A presença estrangeira e os modelos educacionais praticados nos Estados Unidos (EUA) e na França, a política governamental desenvolvimentista para a industrialização no Brasil da época e a reivindicação da classe média para expandir e aperfeiçoar seus recursos humanos e empresariais.

Os Planos Nacionais de Pós-Graduação (PNPG) apresentam um pano-

rama dessa modalidade educacional em terras brasileiras desde a década de 1970, quando o primeiro PNPG (1975-1979)² foi publicado, identificando que, nesta década, havia 800 cursos de mestrado e doutorado. Atualmente, entre os cursos avaliados e recomendados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), existem 3.636 cursos de mestrados e 2.380 cursos de doutorados em formatos acadêmicos.

A Capes é a instituição do Ministério de Educação que coordena a política da pós-graduação no Brasil e tem realizado avaliações de seus cursos de mestrado e doutorado. Em 2018 a Capes divulgou o resultado da Avaliação Quadrienal 2017³ dos cursos de Pós-Graduação *stricto sensu*. Para receberem o reconhecimento da Capes, os cursos precisam alcançar a nota 3 (três). Os cursos avaliados com nota 4 (quatro) e 5 (cinco) são considerados entre bom e muito bom e os cursos avaliados com nota 6 (seis) e 7 (sete) são considerados excelentes.

A pós-graduação no Brasil, que começa elitizada, eurocentrista e estadunidense em sua estrutura, se mantém assim até os dias atuais junto à corrida e esforços dos programas em busca de acesso e manutenção do título de excelência

O VI Plano Nacional da Pós-Graduação (2011-2020) constatou essas desigualdades entre os Programas de Pós-

² Atualmente encontra-se em vigência o VI Plano Nacional de Pós-Graduação - PNPG (2011-2020).

³ Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/quantitativos/_quantitativoA-reaAvaliacao.jsf?jsessionid=IpC1otcuSCVdbQWNHksjYjWE.sucupira-213. Acesso em 14/02/2019.

¹ Compreendem cursos de mestrado e doutorado.

Graduação no Brasil ao se considerar “fatores como a questão regional, o pertencimento étnico, o gênero, a sexualidade, a condição social, entre outros” (BRASIL, 2010. p. 39).

Com relação à desigualdade regional, destacam-se três itens concentrados na Região Sudeste. São eles: maior número de cursos de mestrado e doutorado, maior distribuição de bolsas e fomento para as pesquisas e atribuição das melhores notas para seus cursos.

Considerando o acesso e permanência dos(as) estudantes pertencentes à classe social menos favorecida economicamente nos cursos de mestrado e doutorado, as desigualdades se expressam nas condições financeiras de quem não tem condições de largar o emprego para se dedicar aos estudos, considerando que não há bolsas para atender todas as demandas, em especial nas áreas de conhecimentos das Ciências Humanas.

A influência norte-americana e europeia na pós-graduação brasileira também marca outra desigualdade presente nos cursos e programas: a hegemonia do eurocentrismo embasando as pesquisas. Qualquer revisão bibliográfica, como a apresentada nesse texto, pode constatar o quanto nossos estudos são pensados e analisados a partir de uma perspectiva eurocêntrica. As referências teóricas utilizadas nas pesquisas são eurocêntricas e os/as orientadores/as, que foram formados(as) nessa perspectiva, pouco conseguem se livrar dessas amarras.

Esse texto teve início quando, enquanto autora negra e autores negros, acesamos a pós-graduação e buscamos desenvolver pesquisas nos desligando da perspec-

tiva eurocêntrica e assumindo a teoria da afrocentricidade como paradigma. Uma das pesquisas tem como objetivo identificar como a referida teoria se faz presente na história de vida de estudantes negras e negros da pós-graduação em educação. Ao iniciar o estado da arte das pesquisas com esta teoria na área da Educação, percebemos a grande defasagem de pesquisas que fazem opção por um referencial teórico desligado do eurocentrismo. Resolvemos, então, perceber como essa situação se encontra na pós-graduação em Filosofia, considerando a abordagem da Filosofia da ancestralidade, porém, considerando que nenhuma pesquisa foi encontrada nos programas de pós-graduação em Filosofia, ampliamos a pesquisa para todas as áreas do conhecimento.

Diante desta problematização, buscamos neste texto responder ao seguinte questionamento: como se configura o paradigma afrocentrado nas pesquisas desenvolvidas nos programas de pós-graduação no Brasil? O objetivo geral da pesquisa aqui apresentada foi analisar o estado da arte de teses desenvolvidas a partir da teoria da afrocentricidade em programas de pós-graduação no Brasil.

Asante (2009) faz crítica à academia por marginalizar as produções que não atendem aos interesses eurocêntricos. A teoria da afrocentricidade é uma proposta epistêmica que procura encarar quaisquer fenômenos através de uma devida localização, promovendo a agência dos povos africanos em prol da sua inserção territorial, como princípio da filosofia da ancestralidade (OLIVEIRA, 2005). É esse o paradigma que ocupa centralidade no nosso aporte

teórico, reconhecendo que as pessoas negras são, nas pesquisas, sujeitos epistêmicos que precisam compreender sua história para (re)centralizar sua vida, seu povo e sua terra.

Como procedimento metodológico utilizamos a revisão bibliográfica para coleta dos dados através de pesquisas publicadas no Banco de Teses da Capes e no repositório da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

Partimos do pressuposto que a hegemonia de métodos eurocêntricos nas pesquisas, como destaca Benedicto (2016), pode ser superado pela abordagem afrocêntrica. Tal abordagem se propõe a refletir e intervir para a superação dos métodos hegemônicos e eurocêntricos enquanto uma oposição à história única das populações, dialogando com os acontecimentos de histórias de vidas permeadas de uma visão afrocentrada.

Para Nascimento (2009) uma abordagem afrocentrada colaborará na transmissão, de geração em geração, de crenças, costumes, hábitos, conhecimentos e valores afro-brasileiros sem culpa, medo e distanciamento, contribuindo para a transformação da sociedade a partir das histórias e memórias que valorizem e respeitem as tradições africanas e afro-brasileiras.

A seguir, discutiremos sobre as relações étnico-raciais na pós-graduação brasileira⁴, o significado do paradigma afrocentrado nas pesquisas, e apresentaremos o Estado da Arte das pesquisas revelando, como resultado desse estudo, que a hegemonia dos paradigmas eurocêntricos conti-

nua presente, sem grandes possibilidades de novas perspectivas epistemológicas enquanto abordagem epistemológica das pesquisas acadêmicas.

Relações étnico-raciais na pós-graduação brasileira

A discussão sobre as relações étnico-raciais na pós-graduação brasileira vem se destacando através de alguns fatores relevantes a destacar: a luta do movimento negro no Brasil, a aprovação da lei nº 10.639/2003, as contribuições das instituições nacionais e internacionais de fomento às pesquisas, as políticas públicas de ações afirmativas impulsionadas em 2003, que culminaram com o acesso de estudantes e professores negros e negras e, conseqüentemente, com o aumento das pesquisas sobre as relações étnico-raciais.

De acordo com os estudos de Artes e Mena-Chalco (2017) as pesquisas sobre a população negra no Brasil têm início no século XX, através de autores famosos entre nós, como Gilberto Freyre (1900-1987) que estudou a miscigenação presente em sua obra *Casa Grande e Senzala* (1933), disseminadora da “suposta democracia racial no Brasil” e Florestan Fernandes (1920-1995) que introduz a sociologia crítica no Brasil ao interpretar a realidade política e social brasileira através das disparidades de raça e classe presentes na sociedade nacional.

Em 1945, há registro da primeira dissertação de mestrado sobre as relações étnico-raciais intitulada: *Estudo de atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo*, desenvolvida pela autora Virginia Leone Bicudo, na Escola Livre de Sociologia e Política

⁴Com foco na população negra.

de São Paulo (ARTES e MENA-CHALCO, 2017, p. 1226). Outro marco importante nas pesquisas sobre as relações étnico-raciais na pós-graduação brasileira se deu nos anos 1980 através dos estudos de Carlos Hasenbalg sobre as desigualdades entre brancos e negros no Brasil.

Com relação ao fomento de pesquisas sobre as relações étnico-raciais, as referidas autoras destacam instituições, programa e projetos que contribuíram e contribuem, desde a década de 1950, com o acesso da população negra e com o aumento dessas pesquisas. Entre elas, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), a Fundação Carlos Chagas, a Fundação Ford e a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (Anped).

A Unesco, a partir de uma agenda antirracista formulada diante do impacto racista presente na Segunda Guerra Mundial, com intenção de divulgar experiências de acomodação das diferenças raciais, financiou, nos anos 1950, um conjunto de pesquisas sobre as relações raciais no Brasil.

A Fundação Carlos Chagas, em 1986, coordenou eventos para apresentar o balanço das pesquisas sobre o tema raça, negro e educação e, entre os anos de 2001 e 2013, desenvolveu o Programa Internacional de Bolsas de Pós-graduação da Fundação Ford, “concedendo bolsas de mestrado e doutorado às pessoas provenientes de grupos sociais sub-representados no ensino superior e que atestassem compromisso com a justiça social” (ROSEMBERG, 2013, p. 04).

Também com o apoio da Fundação Ford, a Ação Educativa, em parceria com a Anped, realizou o Concurso Negros e Edu-

cação, oportunizando o acesso de pessoas negras na pós-graduação entre os anos de 1999 e 2006, com 61 propostas atendidas e “fortalecendo o desenvolvimento de pesquisas sobre educação e população negra”⁵, enquanto seu principal objetivo.

Outro fator que impulsionou a participação de pessoas negras na pós-graduação foram as políticas públicas de ações afirmativas desenvolvidas nos governos Lula e Dilma a partir do ano de 2003, que motivou e elevou a possibilidade de a população negra acessar patamares mais altos da vida acadêmica e social por elevar sua renda, sua escolaridade e a sua autoestima.

A primeira ação do governo Lula geradora de impacto na educação e, mais precisamente, na educação das relações étnico-raciais no Brasil, impulsionando pesquisas sobre essa temática, foi a aprovação da Lei nº 10.639/2003, incluindo no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Em seguida foi criada a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), para promover as políticas públicas para a população negra e combater a desigualdade racial.

Entre outras ações podemos citar: o Programa Universidade Para Todos (Prouni) e o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) oferecendo, respectivamente, bolsas de estudo e financiamento em faculdades e universidades privadas; a ampliação do número de vagas nas universidades através da continuidade do Reuni (Reestruturação e Expansão das Universidades Federais) e a

⁵Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/relacoesraciais/concurso-negro-e-educacao/> Acesso em 15/02/2019.

Lei nº 12.711/2012, estabelecendo cotas para estudantes autodeclarados negros, pardos e indígenas no ensino superior das universidades federais. E, ainda, dias antes do golpe parlamentar e midiático no governo Dilma, a aprovação da Portaria MEC n. 13, de 11 de maio de 2016, que dispõe sobre a indução de Ações Afirmativas na Pós-Graduação, proporcionando a entrada de pessoas negras através de cotas na pós-graduação.

Apesar do pertencimento étnico na pós-graduação do Brasil, sabendo que o número de estudantes negros(as) no mestrado e no doutorado vêm aumentando, passando de 48,5 mil em 2001 para 112 mil em 2013, os(as) estudantes negros(as) representam apenas 28,9% do total de pós-graduandos/as⁶.

Mesmo sem ter dados sobre a cor/raça dos autores das pesquisas que desenvolvem dissertações e teses sobre a temática étnico-racial, arriscamos dizer que a quantidade de pesquisas com esta temática pode ser percebida a partir desse aumento da população negra na pós-graduação, mesmo com tantas dificuldades, pois ser estudante de pós-graduação requer muitos esforços, habilidades educacionais e condições financeiras para quem não recebe bolsas e necessitam trabalhar para cuidar da sobrevivência de sua família. Entre as atividades que precisam ser desenvolvidas, destacamos: cursar disciplinas obrigatórias e eletivas, elaborar trabalhos acadêmicos para as disciplinas, participar dos encontros de orientações, participar de grupos de estudo,

participar de seminários, publicar artigos, participar de congressos e, no final do curso, apresentar uma dissertação ou tese⁷.

A pessoa negra, ao acessar a academia, não chega apenas com o corpo negro, mas também com sua história, sua cultura e seu povo para os corredores, salas de aula, grupos de estudos, congressos, eventos, pesquisas, e também na docência da pós-graduação.

A aprovação de docentes e militantes negros (os) em concursos públicos das Universidades tem possibilitado a criação de núcleos, grupos e laboratórios que buscam envolver estudantes negros em seus espaços institucionais. A exemplo do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (Neab) e grupos correlatos que realizam ações de ensino, pesquisa, extensão e cultura sobre as relações étnico-raciais.

Em pesquisa proposta pelo Grupo de Trabalho em Educação e Relações Étnico-Raciais (GT 21) da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, Silva, Regis e Miranda (2018) realizaram o estado da arte de pesquisas e publicações sobre a educação das relações étnico-raciais Brasil e contabilizaram o total de 598 teses e dissertações apenas nos programas de pós-graduação em educação, no período de 2003 a 2014.

Vale salientar que esses avanços ainda não conseguiram elevar o número de pesquisas com novas perspectivas epistemológicas para aprofundamentos, reflexões e embasamentos teóricos e metodológicos na pós-graduação do Brasil. As marcas e in-

⁶ Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2015-05/negros-representam-289-dos-alunos-da-pos-graduacao>. Acesso em 14/02/2019.

⁷ Dissertações e tese são mais comuns nos cursos de pós-graduação, muito embora pode ser exigido outras produções como artigos e patentes.

fluências de paradigmas eurocêntricos são muito fortes. Vejamos, a seguir, as possibilidades que o paradigma afrocêntrico tem para colocar as pessoas negras e os estudos sobre sua história e educação no centro das pesquisas.

O Paradigma Afrocentrado

O entendimento sobre o conceito de paradigma tem várias interpretações e intervenções que depende, por exemplo, de quem define, da comunidade científica que pertence e do olhar que se tem sobre o mundo, tendo em vista que “qualquer ideia, conceito ou teoria, por mais ‘neutro’ que se afirme ser, constitui o produto de uma matriz cultural e histórica particular” (MAZAMA, 2009, p. 111)

No campo da ciência, Kuhn (2006) define paradigmas como “as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, oferecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” (p. 13). É a partir desse olhar que as pesquisas se filiam à paradigmas, sejam eles conservadores ou inovadores.

Os paradigmas aqui denominados como conservadores ou dominantes ou totalitários, predominaram entre os séculos XVII, XVIII e XIX. Influenciados pela idade média, negaram (e ainda há quem negue) a racionalidade, ao defender que a realidade é sagrada. Tal domínio da visão de um mundo espiritual se expandiu para a visão de um mundo-máquina, a partir das revoluções científicas que consideravam o conhecimento objetivo e obtido pela experimentação e observação para compreender o

mundo. Para Alves; Jesus e Scholz, (2015) “Esse paradigma pressupõe a separação entre ser humano e natureza, visa conhecer a natureza para dominá-la e controlá-la”.

Os paradigmas inovadores ou civilizatórios ocidentais são marcados pelas discussões sobre a modernidade de influência capitalista. Os avanços tecnológicos e científicos mudam a sociedade e tornam os paradigmas conservadores obsoletos. Gerado com base na teoria da relatividade e na teoria da física quântica, implica um repensar sobre o papel da educação na vida dos homens.

Por paradigma civilizatório entendemos um conjunto de pressupostos, concepções, valores, crenças, saberes e práticas compartilhadas por um grupo de pessoas, e que transcende os limites geográficos onde vivem, que dão vivacidade e organização a um modo de observar, agir e compreender o mundo (ALVES; JESUS e SCHOLZ, 2015).

Tais paradigmas são repletos de crenças e valores comuns entre membros de determinadas comunidades acadêmicas, porém, a ciência ocidental negou a história da África a partir de várias teses de inferioridade e incapacidade com o discurso de superioridade da raça branca sobre a raça que ela mesma jugou inferior (CÉSAIRE, 2010)

Interessa saber como a África, seus conhecimentos, suas descobertas e os pensadores e pesquisadores africanos do continente e da diáspora se inserem nestas concepções paradigmáticas. Para Mazama (2012) é com base na disseminação da inferioridade dos povos africanos, de sua cultu-

ra, de sua história, de sua produção, de sua civilização, que a superioridade branca vem controlando a ciência e o mundo a partir de diversas formas de violência.

Os “grandes” pensadores, pioneiros das ciências humanas, como Kant, Hegel e Comte, referências em muitas disciplinas e pesquisas nas pós-graduações do Brasil, têm contribuído para disseminar uma imagem de inferiorização do continente africano e negar sua história. Essas críticas podem ser encontradas em diversas obras, através de autores que vem contando uma “outra história”, entre eles: Césaire (2010), Mazama (2009) e Nascimento (2008) e (2009), ao defender que a África, seus povos, pesquisadores e pesquisadoras do continente e das diásporas precisam recomeçar conhecendo a sua história negada, a história dos seus ancestrais, de sua terra, de sua cultura, “voltar e apanhar de novo aquilo que ficou para trás, aprender do passado” (NASCIMENTO, 2008, p 31).

O eurocentrismo extrapolou sua visão de mundo aniquilando outras culturas e mentes, tornando a Europa como centro do mundo. Segundo Asante (2009, p. 93), considerando que os africanos e afrodescendentes foram deslocados em termos culturais, psicológicos, econômicas e históricos, qualquer análise e compreensão de suas condições de vida deve ser feita a partir de uma “localização centrada na África e sua diáspora”.

O paradigma afrocentrado, a partir da “proposta epistemológica do lugar” com base nos princípios da filosofia da ancestralidade, que brota da terra, de onde se parte e para onde se volta (OLIVEIRA, 2005), nos leva a refletir sobre essas questões ao posi-

cioná-las no centro das atenções, das pesquisas, das descobertas, das metodologias e dos paradigmas.

Para Mazama (2009) o cerne desse paradigma, portanto, está na afirmativa de que os africanos devem “operar como agentes autoconscientes” de sua história, cuja autodefinição positiva e assertiva deve partir da “cultura africana” (p. 111). Isso é o que vem acontecendo desde o século XIX, com os estudos de historiadores que têm tentado mostrar uma outra história da África para acabar com o imaginário e concepção popular sobre este continente tão diverso. Entre eles: Cheikh Anta Diop, Joseph ki-Zerbo, Theophile Obenga, Ivan Sertima, Basil Davidson, que fazem crítica à versão da ciência europeia, enquanto ato de resistência e combate a hegemonia do eurocentrismo.

Nessa perspectiva de resistência, na década de 1960, nos Estados Unidos, intelectuais africanos começam a se inserir nas Universidades, como estudantes, pesquisadores e professores e ficam incomodados com os estudos proporcionados e realizados pelos intelectuais brancos, tendo como objeto de análise as pessoas negras e africanas a partir de um discurso e de preconceitos e estereótipos de África advindos da dominação colonial. A chegada de intelectuais negros e negras nesses espaços acadêmicos tem proporcionado uma diversidade de discursos, de perspectivas e de criatividade no âmbito universitário.

Tornando-se protagonista da produção do conhecimento, os povos discriminados, antes objeto de um conhecimento elaborado a seu respeito por quem se julgava exclusivo dono do saber científico, poderão

desenvolver novos referenciais teóricos e empíricos. Ao fazê-los, estarão injetando cada vez mais vigor e força academia (NASCIMENTO, 2009, p.28).

As intervenções e reivindicações desses(as) estudantes, pesquisadores(as) e professores(as) deu origem à teoria da afrocetricidade enquanto uma abordagem teórica idealizada por Molefi Kete Asante, em 1980.

Afrocetricidade é uma perspectiva teórica ontológica, epistemológica que toma as experiências africanas como centro para compreender o mundo, sua história e sua cultura, sem tornar-se hegemônica, em busca de recuperá-las do processo de negação que o eurocentrismo promoveu, "obrigando os africanos a empenhar-se para recuperar seus valores de origem a fim de reconstruir as bases de seu centro" (p52) valorizando o centro e a visão de mundo de cada pessoa a partir de suas especificidades, valorizando o mundo próprio de cada povo, especialmente o colonizado (NASCIMENTO, 2008).

As mesmas questões abordadas pelos(as) intelectuais negros(as) nos Estados Unidos, incomodados com o tipo de pesquisas e abordagens realizadas sobre o seu povo, também fazem os(as) pesquisadores(as) brasileiros(as) que estão nas pós-graduações e que são militantes negros(as). Porque não utilizarmos uma abordagem de estudos sobre a África e os africanos a partir de uma abordagem própria, que tem a ver com a sua origem, com a sua cultura, com seu modo de ser, trazendo a verdadeira história desta terra e de seu povo, com o olhar desse povo?

Fortalecer a identidade negra é relacioná-la com a matriz africana levando a pessoa a perceber que ela não está só, que vem de longe, que tem história e valor, que sua identidade é coletiva dos(as) africanos(as), negros e negras da diáspora. O movimento negro brasileiro é o grande ator e autor dessa abordagem no Brasil, acreditando que, conhecendo as nossas histórias e, também, as histórias dos outros, nos respeitamos e proporcionamos mais humanidade, avançamos, crescemos, nos orgulhamos de nós mesmos e vamos em busca de estudos para uma vida melhor.

É a partir dessa necessidade que, em 2003, é promulgada a Lei Federal nº 10639/2003, para repensar essas relações, revelar, refletir os privilégios, conhecer a história do outro, conhecer sua própria história e cultura e, assim, se perceber, se afirmar e se revelar, tornando-se conhecedor de sua própria história.

A teoria da afrocetricidade proporciona estudar sobre o que é nosso: estudos, povos, histórias e vidas, a partir do olhar da diáspora africana e do que esta diáspora proporcionou à população negra. Uma das diferenças no uso desta teoria, está na importância que damos às vidas negras. Quando que as abordagens eurocêtricas privilegiaram nossas vidas? O interesse da teoria da afrocetricidade está na possibilidade de reconhecer a história e a cultura da população da diáspora, revelando a centralidade dessa história esquecida e deixada de lado por outras abordagens.

Não importa estudar apenas questões gerais sem focar a individualidade, a subjetividade e a coletividade que interfere diretamente na vida das pessoas. A impor-

tância de estudar a história da população negra e suas vidas não está apenas direcionada a trabalhar questões da população negra, mas sim das relações estabelecidas entre brancos e negros e como essas relações interferem e prejudicam a vida das pessoas negras diante do privilégio das pessoas brancas.

Em síntese, o que estamos destacando neste texto é uma nova possibilidade de fazer pesquisas a partir de uma abordagem epistemológica que revele novas maneiras de olhar para um determinado objeto de investigação e para os sujeitos envolvidos, considerando a centralidade de suas posições.

As pesquisas afrocentradas na pós-graduação brasileira

As pesquisas no Brasil contam com o registro de dois importantes bancos de teses e dissertações: o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e o Repositório da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

O catálogo da Capes foi instituído desde 1987, passando para a forma digitalizada, por meio eletrônico, a partir de 1996. O portal BDTD têm início nos anos dois mil e vem acompanhando as evoluções tecnológicas, através de uma atualização em “tempo real”, fato este que os(as) pesquisadores(as), até os anos noventa, não tiveram a seu favor. Este banco tem como uma das suas finalidades a integração dos sistemas de informações de teses e dissertações realizadas no Brasil e, também, estimula o regis-

tro e as publicações das pesquisas em meio eletrônico, proporcionando uma difusão nas informações de interesse científico e tecnológico. Atualmente há 107 instituições brasileiras interligadas à BDTD, tendo catalogadas e registradas mais de 500.000 documentos, entre eles 134.000 teses.

Devido ao tempo e o formato de atualização nesses bancos, que nem sempre é em tempo real, como o da Capes, optamos por um marco temporal que começa nos anos 2000 e segue até o dia em que concluímos a coleta dos dados para este estudo: 30 de março de 2019.

Considerando a intenção desse estudo em responder como se configura o paradigma afrocentrado nas pesquisas desenvolvidas nos programas de pós-graduação no Brasil, realizamos o estado da arte das pesquisas que anunciam a afrocentricidade como abordagem epistemológica para sua investigação, ou seja, a teoria que guiou a descrição, compreensão e análise do objeto de pesquisa investigado.

O levantamento bibliográfico das teses, teve por base os dois portais acadêmicos acima citados: o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e o Repositório da BDTD. Optamos por coletar apenas teses de doutorando, pois julgamos que o tempo de 4 anos para realização do curso e a experiência adquirida no mestrado ajuda o(a) pesquisador(a) no aprofundamento de uma abordagem epistemológica para a pesquisa.

Para localizar as teses, utilizamos dez descritores que poderiam nos aproximar das pesquisas desenvolvidas sob o olhar da teoria da afrocentricidade. Os descritores foram: Afrocentricidade; Teoria da Afrocentricidade; Paradigma afrocentrado; Afrocen-

trado, Afrocentrada; Asante; Afrocentrismo; Afrocentrista; Afroperspectiva e Filosofia Africana. Tais descritores nos levaram a um total de apenas seis (6) teses.

Ao encontrar as teses com os descritores relacionados acima, seguimos, primeiramente, para a leitura do título, do resumo e das palavras-chave, em seguida lemos as referências bibliográficas e, por último, quando ainda havia dúvidas, lemos o capítulo teórico e metodológico.

As teses encontradas são de pós-graduações diversificadas. Duas em Educação (UFPE, USP e UFRGS), uma em Direito (PUC Minas), uma em Literatura (UFSC) uma em (Teologia Escola Superior de Teologia em São Leopoldo-RS) e uma em Antropologia Cultural (UFRGS).

Para responder como se configura o paradigma afrocentrado nas pesquisas, separamos as 06 teses encontradas em dois grupos: as que utilizam a teoria da afrocentricidade como abordagem epistemológica, relacionadas no Quadro-1 e as pesquisas que utilizam conceitos e referências da teoria da afrocentricidade, mas que tomam outras abordagens como base epistemológica. Este grupo está relacionado no Quadro-2.

Quadro-1: Teses com a teoria da afrocentricidade como abordagem epistemológica

LIRA, Lilian Conceição da Silva Pessoa. *Elementos Teopedagógicos afrocentrados para superação da violência de gênero contra as mulheres negras*. Diálogo com a comunidade-terreiro Ilê àşę yemojá omi olodò e “o acolhimento que alimenta a ancestralidade”. Tese (Doutorado em Teologia). Escola Superior de Teologia – Rio Grande do Sul, 2014.

BENEDICTO, Ricardo Matheus. *Afrocentricidade, Educação e Poder: Uma crítica Afrocêntrica ao Eurocêntrismo no Pensamento Educacional Brasileiro*. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SANTOS, Reginaldo Silva. *Racismo, direito internacional e direitos humanos: a afrocentricidade como proposta para desconstrução da intolerância*. Tese (Doutorado em Direito). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), 2017.

Fonte: Elaboração dos autores.

O Quadro-1 anuncia três (3) pesquisas que utilizaram a teoria da afrocentricidade enquanto abordagem epistemológica da pesquisa. Vejamos a seguir uma breve análise das teses encontradas a partir da leitura do título, objetivo geral, abordagem teórica, procedimentos metodológicos e resultados encontrados.

Lilian Conceição da Silva Pessoa de Lira

A tese de doutorado em teologia, de Lilian Conceição da Silva Pessoa de Lira, intitulada: *Elementos teopedagógicos afrocentrados para superação da violência de gênero contra as mulheres negras: diálogo com a comunidade-terreiro ilê àşę yemojá omi olodò e “o acolhimento que alimenta a ancestralidade”*, foi defendida na Escola Superior de Teologia – Rio Grande do Sul, no ano 2014.

A referida tese, fruto da vivência da autora com a igreja Anglicana e a tradição do batuque, teve como objetivo identificar nas ações educativas e nos processos pedagógicos da Comunidade-Terreiro Ilê Àşę Yemojá Omi Olodò, elementos teopedagógicos de empoderamento e autonomia das mulheres negras, possibilitando melhores condições para superação da violência de gênero.

A tese, a partir da perspectiva afrocentrada, faz uma imersão nos fundamentos filosóficos da afrocentricidade, através de Asante e Mazama, buscando construir novas chaves para além do eurocentrismo, através da discussão de gênero, compreendido a partir de uma interseccionalidade emergente. A pesquisa faz uma análise das narrativas coletadas e identifica “o alimento

que alimenta a ancestralidade” como processo civilizatório de (re)fundação da humanidade como elementos teopedagógicos que podem contribuir para o fortalecimento das ações para superação da violência de gênero contra as mulheres negras.

Ricardo Matheus Benedicto

Ricardo Matheus Benedicto, oriundo do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo, defendeu, em 2016, a tese: *Afrocentricidade, Educação e Poder: Uma Crítica Afrocêntrica ao Eurocentrismo no Pensamento Educacional Brasileiro*.

Como objetivo, a pesquisa buscou contribuir para uma melhor compreensão do papel do eurocentrismo no pensamento educacional brasileiro. Sua base teórica foi orientada pela filosofia afrocêntrica de Abdias do Nascimento, Molefi Kete Asante e Marimba Ani. Realizou uma crítica afrocêntrica do pensamento educacional de Rui Barbosa, José Veríssimo, Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Paulo Freire e Darcy Ribeiro.

O procedimento metodológico versou pela observação de modelos educacionais implantados e defendidos pelo pensamento dos autores citados acima, fazendo uma crítica afrocêntrica destes importantes pensadores em educação no Brasil.

Como resultado, Benedicto defende que o modelo eurocêntrico de educação implantado no país tem como um dos principais objetivos manter o poder e a hegemonia branca europeia. A tese sugere que a educação quilombista e afrocêntrica é a

saída para resolver o problema educacional no Brasil.

Reginaldo Silva Santos

Com a tese de doutorado em Direito, defendida na PUC – Minas, em 2017, intitulada: *Racismo, direito internacional e direitos humanos: a afrocentricidade como proposta para desconstrução da intolerância*, Reginaldo Silva Santos realizou uma análise da afrocentricidade, verificando elementos para compreender tal teoria como uma ruptura epistemológica que desconstrói a lógica ideológica de superioridade versus subalternidade, presente na compreensão eurocêntrica, e analisou o novo constitucionalismo latinoamericano, aproximando-o da teoria afrocêntrica.

Usando a abordagem hipotético-dedutiva como metodologia, com procedimento monográfico, o estudo teve como objetivo verificar o cabimento do Direito Internacional corresponder a uma estrutura válida e lógica de enfrentamento às práticas racistas.

As conclusões apontam que o atual sistema internacional não apresenta completas condições de enfrentamento do racismo, mas contribui diretamente para a manutenção do formato institucional e estrutural.

Após a breve apresentação das únicas 03 teses encontradas nos registros do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e do Repositório da BDTD, entre 2000 e 2019, que estão ancoradas no paradigma da afrocentricidade enquanto abordagem epistemológica, seguimos para a apreciação do Quadro-2:

O Quadro-2 apresenta três teses que utilizam autores ou categorias aprofundadas na teoria da afrocentricidade. Vejamos:

Quadro 2: Teses com conceitos e referências da teoria da afrocentricidade

KAWAHALA, Edelu. *Na encruzilhada tem muitos caminhos: teoria descolonial e epistemologia de Exu na canção de Martinho da Vila*. Tese (Doutorado em Literatura). Universidade Federal de São Carlos (UFSC), 2014.

BRITO, Celso. *O processo de transnacionalização da capoeira angola: uma etnografia sobre a geoeconomia política nativa*. Tese (Doutorado em Antropologia Cultural). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2015.

SILVA, Claudilene Maria. *Práticas pedagógicas de valorização da identidade, da memória e da cultura negra: a volta inversa na árvore do esquecimento e nas práticas de branqueamento*. Tese (Doutorado em Educação). UFPE, 2016.

Fonte: Elaboração dos autores

Edelu Kawahala

A tese de Doutorado de Edelu Kawahala, intitulada: *A Encruzilhada tem muitos caminhos: teoria descolonial e epistemologia de Exu na canção de Martinho da Vila* foi defendida no programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC, no ano de 2014.

A tese apresenta um estudo sobre as letras musicais das canções de Martinho da Vila, analisadas através das categorias raça, gênero-raça e religiosidade.

A referente pesquisa fundamentou-se nas teorias decoloniais para apresentar a Epistemologia de Exu e trata das percepções da afrocentricidade quando faz sua análise em algumas músicas do compositor e músico Martinho da Vila, fundadas nas concepções Pan-Africanistas.

Como conclusão, o autor percebe que a obra de Martinho da Vila configura-se

como um importante elemento de potencialização da resistência e da formação de uma identidade étnica positiva para a população negra.

Celso de Brito

A tese de Celso de Brito, com o título: *O processo da transcolnização da capoeira angola: uma etnografia sobre a geoeconomia política nativa* foi defendida em 2015 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS.

O autor analisa o processo de difusão e construção de identidade da capoeira angola, onde busca entender as disputas políticas nas quais os discursos sobre a tradição dessa capoeira foram elaborados, paralelamente à sua difusão espaço-geográfico e a formação de seu mercado cultural e transnacional.

Usando uma metodologia mista, envolvendo reconstituições histórias e etnografia multissituada, e tendo como objetivo descrever e analisar o fenômeno de difusão e transnacionalização da capoeira angola atrelada às dimensões econômicas e políticas vistas a partir da perspectiva narrativa, chega-se à conclusão que capoeira angola transcende as questões mercadológicas, onde afirma as questões identitárias através das relações socialmente estabelecidas no sistema transnacional de linguagem da referida capoeira.

Claudilene Maria da Silva

Claudilene Maria da Silva, proveniente do Programa de Pós-Graduação em

Educação PPGE/UFPE, defendeu sua tese em 2016, intitulada: *Práticas Pedagógicas de Valorização da Identidade, da Memória e da Cultura Negra: a volta inversa na árvore do esquecimento e nas práticas de branqueamento*. A pesquisa analisou as práticas pedagógicas escolares de valorização da identidade, da memória e da cultura negra vivenciada institucionalmente em duas escolas públicas.

Em sua abordagem teórico-metodológica, Claudilene Silva assumiu os Estudos Pós-Coloniais Latino-americanos em diálogo com a Afrocentricidade como oposição epistemológica, na perspectiva de romper com a hegemonia eurocêntrica. Adotou a etnografia como abordagem metodológica e apoiou-se no pensamento negro de educação e no pensamento de Paulo Freire.

Como resultado, a tese aponta a existência de mecanismos de enraizamento possíveis de serem utilizados na construção de práticas pedagógicas de valorização da identidade, da memória e da cultura negra, advindos, entre outros, do trabalho coletivo, da formação sobre História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e da conquista da confiança da comunidade escolar.

Conclusões e considerações

A revisão da literatura acadêmica nos permitiu identificar que a teoria da afrocentricidade não foi utilizada como paradigma epistemológico para as pesquisas em nível de doutorado na pós-graduação do Brasil. O modelo eurocêntrico educacional brasileiro mostra-se distante de perder sua hegemonia, parece cumprir objetivos não ditos de

manter a centralidade das discussões teóricas na educação. A hegemonia eurocêntrica está presente nas pesquisas educacionais do Brasil, invisibilizando outras perspectivas epistemológicas.

O levantamento bibliográfico das teses no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e o Repositório da BDTD apontaram apenas 06 pesquisas que se utilizam do paradigma afrocentrado para aprofundamento de suas investigações na pós-graduação brasileira. Entre elas, três utilizam a teoria da afrocentricidade como abordagem epistemológica e outras três pesquisas utilizam conceitos e autores da teoria citada, mas que fazem uso de diversas outras abordagens para contemplar sua base epistemológica.

A ausência de pesquisas a partir da perspectiva epistemológica da teoria da afrocentricidade nos motiva pessoal, social e academicamente. O silêncio de uma abordagem afrocentrada nas pesquisas das pós-graduações não se relaciona de forma satisfatória às demandas dos afro-brasileiros.

Ao longo do texto, fica notório que os estudos sobre as relações étnico-raciais tiveram grande impulso após a aprovação da Lei nº 10.639/2003 e de vários documentos legais em prol da Educação, além de leis que possibilitam o acesso das pessoas negras à Universidade. Esses estudos chegam à pós-graduação através de pessoas negras ou brancas que se interessam em pesquisar sobre essa temática, em muitos casos, mobilizadas pelas relações pessoais e sociais.

Porém, a formação intelectual dos(as) doutores(as), orientadores(as) das pesquisas, sejam pessoas brancas ou negras, foi eurocêntrica. Pensar e atuar a partir de uma

nova abordagem epistemológica não é uma coisa fácil para quem não aprendeu, não conhece, não tem espaço e não tem parceiros para isto.

Mesmo reconhecendo essas dificuldades, outras abordagens começam a se fazerem presentes nas pós-graduações. Atualmente, o programa de pós-graduação em educação (PPGE) da UFPE, por exemplo, vem realizando cinco pesquisas fundamentadas na teoria da afrocentricidade, sendo que, uma delas, em nível de doutorado, pesquisa sobre educação e saúde da população negra; outra, em nível de mestrado, investiga as práticas afrocentradas em um terreiro de candomblé; a terceira investiga a história de vida de estudantes negros do programa de pós-graduação em educação relacionando com a afrocentricidade dessas pessoas na educação; a quarta pesquisa analisa as histórias que são contadas sobre a pessoa negra na escola de educação básica; e a quinta pesquisa investiga a educação das relações étnico-raciais em uma rede de ensino.

Quando assumimos uma determinada abordagem epistemológica para nossas pesquisas, devemos pensar qual olhar adotaremos para melhor compreender o que estamos investigando, principalmente quando nossos objetos de estudos se referem à população negra.

Se apoderar de um novo paradigma para a realização das pesquisas na pós-graduação brasileira tem a influência do acesso de novos pesquisadores negros e ne-

gras militantes e ativistas nesse espaço, historicamente elitista e eurocêntrico. Considerando o grande número de jovens que terminam o ensino médio e não conseguem se inserir em um curso de graduação, fica evidente que a pós-graduação no Brasil é para poucos e, desses, nem todos conseguem se livrar das amarras do eurocentrismo.

Negros e negras afrocentrados(as), ao acessar a pós-graduação, como docentes orientadores(as) e orientandos(as), fazem crítica à concepção eurocêntrica e se esforçam para trazer novos olhares para sua prática, seus estudos, suas pesquisas em torno da diáspora africana e do que ela causou à população negra brasileira, seguindo em busca de outros pensamentos, outras concepções, outras fontes, simbologias e epistemologias que foram negadas, silenciadas e marginalizadas pela hegemonia europeia.

Ao buscar responder como se configura o paradigma afrocentrado nas pesquisas de pós-graduação no Brasil a partir da abordagem epistemológica presente na teoria da afrocentricidade, apresentada por Asante (2009), concluímos que sua presença ainda é ínfima em um espaço que tem dificuldade de novos olhares. As pesquisas desenvolvidas na pós-graduação do Brasil mantem a hegemonia do eurocentrismo como abordagem epistemológica e não privilegiam o paradigma afrocentrado em busca de uma nova possibilidade defendida nos princípios da filosofia da ancestralidade.

Referências

ALVES, Míriam Cristiane; JESUS, Jayro Pereira; SCHOLZ, Danielle. Paradigma da afrocentricidade e uma nova concepção de humanidade em saúde coletiva: reflexões sobre a relação entre saúde mental e racismo. In: **Saúde Debate**/ Rio de Janeiro, V. 39, N. 106, p. 869-880, Jul-Set, 2015.

ARTES, Amélia; MENA-CHALCO, Jesús. Expansão da temática relações raciais no banco de dados de teses e dissertações da Capes. In: **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 43, n. 4, p. 1221-1238, out./dez., 2017.

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade como um novo paradigma. In NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. São Paulo: Selo Negro, 2009.

BENEDICTO, Ricardo Matheus. **Afrocentricidade, Educação e Poder: Uma crítica Afrocêntrica ao Eurocêntrismo no Pensamento Educacional Brasileiro**. Tese (doutorado) Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Pós-graduação (PNPG) 2011-2020**. Brasília, dez. 2010.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo** tradução Anísio Garcez homem letras contemporâneas, 2010.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

MAZAMA, Ama. A afrocentricidade como um paradigma. In: NASCIMENTO, E. L. (Org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

MAZAMA, Ama. **L'Impératif Afrocentrique**. Pennsylvania: Afrocentricity International, 2012

NASCIMENTO, Elisa Larkin (org). **Afrocentricidade: uma abordagem inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. Sankofa: Significado e Intenções. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org). **A matriz africana no mundo**. SP: Selo Negro, 2008.

OLIVEIRA, Eduardo David de Oliveira. **Filosofia da Ancestralidade: Corpo e Mito na Filosofia da Educação Brasileira**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Ceará, 2005.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Ação afirmativa na pós-graduação: o Programa Internacional de Bolsas da Fundação Ford na Fundação Carlos Chagas**. São Paulo: FCC/SEP, 2013.

SANTOS, Ana Lúcia Félix. **A pós-graduação em educação e o tratamento do tema política educacional**: uma análise da produção do conhecimento no nordeste do Brasil. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009

SILVA, Paulo Vinicius Baptista; REGIS, Kátia; MIRANDA, Shirley Aparecida. Sobre a pesquisa Educação e Relações Étnico-Raciais. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 69, p. 9-16, maio/jun. 2018.

Recebido em: 05/06/2019

Aprovado em: 31/10/2019